

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



## CRISE DO CAPITAL: notas acerca das interpretações marxistas da crise de 2007-2008

Rodolfo Francisco Soares Nunes<sup>1</sup>

### RESUMO

As crises são contradições internas do próprio sistema capitalista. Apresentam-se como condições necessárias e indispensáveis para a sobrevivência do próprio capitalismo. O entendimento das causas das crises e sua função de garantidora do modo de produção capitalista, não possuem uma unanimidade dentro da teoria crítica. A queda da lucratividade, pautada na Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro, é uma interpretação que se contrapõe à visão daqueles que acreditam nas crises como sendo causadas por uma insuficiência de demanda para bens de consumo (subconsumistas). Apresenta-se, então, as interpretações da atual crise sob a ótica destas duas teses marxistas de crise.

**Palavras-chave:** economia política; crise; teoria marxista.

### ABSTRACT

Crises are internal contradictions within the capitalist system itself. They present themselves as necessary and indispensable conditions for the survival of capitalism. The understanding of the causes of crises and their function as guarantors of the capitalist mode of production is not unanimous within critical theory. The fall in profitability, based on the Law of the Tendency of the Rate of Profit to Fall, is an interpretation that opposes the view of those who believe that crises are caused by insufficient demand for consumer goods (underconsumptionists). Therefore, the interpretations of the current crisis are presented from the perspective of these two Marxist theses on crisis.

**Keywords:** political economy; crisis; Marxist theory.

## 1 INTRODUÇÃO

Ao passo que a ortodoxia econômica apresenta suas diversas interpretações sobre a crise atual – algumas bem distantes do problema real –, as interpretações críticas se apresentam como uma alternativa que buscam compreender como se dá a dinâmica das crises no sistema capitalista.

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. Graduado em Ciências Econômicas e Mestre em Desenvolvimento Socioeconômico. [rodolfofsn@gmail.com](mailto:rodolfofsn@gmail.com)

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



Entendem as crises como parte da contradição interna do sistema capitalista. Contradição esta, que é necessária e indispensável para a sobrevivência do modo capitalista de produção. Não se constitui objetivo do presente trabalho, a apresentação e discussão das visões dominantes sobre a crise atual, por atribuírem às crises um fator externo ao sistema capitalista.

Dessa forma, é necessário apresentar como se dão as duas principais interpretações marxistas. Trazer também os comentários acerca dessas interpretações e, por fim, demonstrar e interpretar as visões, sobre a crise atual, daqueles que seguem essas distintas interpretações.

O presente artigo está dividido em outras três partes além desta introdução. No segundo capítulo, apresentaremos as interpretações marxistas da crise, apresentando os pressupostos e definições que balizam tais teses.

Posteriormente, trataremos da última grande crise do capitalismo, iniciada em 2007, sob o óptica das interpretações marxistas. Por fim, teceremos alguns comentários, a título de conclusão, sobre as divergências e a necessidade de compreensão das crises para além da visão dominante.

## 2 AS INTERPRETAÇÕES MARXISTAS DA CRISE

Como mencionamos anteriormente, não abordaremos, no presente trabalho, as interpretações sobre as crises que se encontram aquém da teoria marxista. Para a doutrina dominante, a crise constitui um fenômeno externo ao modo de produção capitalista. Fenômeno este que por vezes se apresentam na literatura como “choques externos”, “externalidades” etc (Gill, 2022).

Dessa forma, a discussão acerca da crise do capital em si, partirá do pressuposto que esta é parte inerente da dinâmica de acumulação do sistema capitalista. Ou seja, a crise, que possui um caráter cíclico dentro do processo de acumulação, constitui um desdobramento das contradições do próprio modo de produção.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



A crise atual do capitalismo revela dois pontos essenciais para compreender essa forma de sociabilidade. Primeiro, destaca a natureza cíclica da acumulação de capital. Segundo, reafirma a teoria marxista como a mais adequada para explicar esse funcionamento (Carcanholo, 2011).

Tais pontos encontram uma enorme concordância entre os teóricos marxistas contemporâneos. Outro ponto, que possui ampla aceitação dentro da teoria marxista, é o de que as crises constituem um movimento necessário (e até mesmo indispensável) para a o processo de acumulação capitalista (Gill, 2002).

Em outros termos, as crises, que são resultados das contradições internas do capital, são originadas pela dificuldade crescente de valorização do capital – seja pela queda da taxa de lucro ou seja pela dificuldade de realização da produção – e com isso funcionam como um corretivo natural (ou um remédio) necessário para a própria sobrevivência deste sistema de acumulação (Gill, 2002).

Porém, o que não constitui uma unanimidade na teoria marxista, e se torna objeto de análise do presente trabalho, são as causas e consequências destas crises no processo de produção capitalista e como estas contrariedades sistêmicas reverberam na relação capital e na luta de classes e, sobretudo, na mediação exercida pelo Estado nestas duas esferas.

No arcabouço da teoria marxista, encontram-se diversas interpretações sobre as causas da crise. No entanto, discutiremos aqui duas visões distintas que se baseiam em momentos diferentes – e com graus de abstrações diferentes – da principal obra de Karl Marx, O Capital.

A primeira visão é a de que a causa da crise *per se* é, justamente, a redução (ou sua tendência à queda) da taxa de lucro. Ou seja, o que desencadeou a crise foi a observada queda da lucratividade do capital e a conseqüente tentativa de reestabelecimento desta rentabilidade através do crédito. Tal visão aponta para duas tendências observadas por Marx n'O Capital, a primeira é a tendência da taxa de lucro à uma taxa média e a segunda é a tendência à queda desta taxa (Marx, 2017).

PROMOÇÃO



APOIO

PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

A segunda visão, que parte de uma concepção estagnacionista, é de que a crise é causada pelo subconsumo. Em outras palavras, partindo do pressuposto de que há, no modo de produção capitalista, uma tendência à estagnação da economia, e, com o agrave gerado pela presença de oligopólios – que causam uma tendência ao aumento dos lucros através, principalmente, do aumento da produtividade –, as empresas desenvolveram uma capacidade produtiva de bens de consumo superior ao poder de absorção desta pelo mercado.

Não obstante, algumas considerações devem ser feitas antes de tratarmos da discussão sobre estas duas perspectivas. O primeiro ponto a ser destacado é que, como mencionado anteriormente, dois recortes distintos d'O Capital são utilizados para fundamentar cada uma das duas visões apresentadas acima.

A Seção III do Livro II de O Capital, que trata da reprodução e circulação do capital social total, é utilizada para justificar a visão subconsumista (Marx, 2014). Porém, como veremos posteriormente, esta não constitui a única base teórica dessa interpretação. A tendência à estagnação da economia e a crescente monopolização do capital também fundamentam essa tese.

Para os que defendem a tese da lucratividade, a passagem utilizada é a Seção III do Livro III de O Capital, que trata da Lei da Queda Tendencial da Taxa de Lucro (LQTTL). O que, para alguns autores que advogam nessa concepção, constitui a base da única teoria marxista das crises (TMC). (Mateo, 2013; Marx, 2017)

O segundo ponto a ser enfatizado – e que constitui um desdobramento do primeiro –, é que o recorte deve basear-se na distinção entre a “possibilidade de crise” e a “crise real”. Gill explica que, em outras palavras, é necessário distinguir a análise da possibilidade abstrata das crises na produção capitalista, que ocorre no nível de abstração dos livros I e II de "O Capital", da análise da "crise real" que ocorre em seguida, no nível de abstração do livro III de "O Capital" (Gil, 2002).

Sendo assim, temos a possibilidade de crise, que constitui o objeto da tese subconsumista, que está balizada pelas abstrações estabelecidas no livros I e II de O Capital. Carcanholo destaca ainda que o livro II apresenta um alto nível de abstração.

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

Como resultado, os esquemas de reprodução são limitados devido ao escopo restrito do livro II, que trata apenas da circulação do capital, sem considerar as características do processo de produção. A análise completa da economia capitalista em funcionamento, com todas as suas manifestações, é realizada por Marx somente no livro III (Carcanholo, 2007).

Desta forma, o escopo do livro III, utilizado pelos que apoiam a tese da lucratividade, é mais completo no sentido de contemplar a economia capitalista em seu total funcionamento. Por isso, Gill afirmou que a “crise real” só poderá ser analisada dentro das abstrações presentes no livro III de O Capital (Gill, 2002).

Nesses termos, as diferentes interpretações resultam da forma como se dá as relações dos processos de produção e circulação do capital. A crise causada através do subconsumo, parte de uma análise das contradições próprias dos processos de circulação. Enquanto a questão da rentabilidade, até pelo seu grau de abstração, se baseia na relação entre as duas esferas, produção e circulação.

Na verdade, a questão resume-se em determinar se as crises são resultado de um desequilíbrio de mercado, que pode ser superado por um ajuste apropriado, ou seja, pelo equilíbrio entre oferta e demanda, bem como pelas proporções entre os setores, ou se são resultado das crescentes dificuldades de valorização do capital, que só podem ser superadas pelo restabelecimento da lucratividade, por meio da produção suficiente de mais-valia (Gill, 2002).

As crises estão ligadas a dificuldades de realização que surgem da desproporcionalidade ou subconsumo, ou à tendência de queda na taxa de lucro, expressão específica do aumento da produtividade na produção capitalista? (Gill, 2002).

Isto posto, a seção a seguir apresenta a crise do capital iniciada em 2007 e que tem seus desdobramentos até os tempos atuais (agravada, inclusive, pela pandemia da Covid-19) sob a luz destas duas teorias marxistas.

### 3 NOTAS SOBRE AS VISÕES MARXISTAS ACERCA DA CRISE DE 2007-2008

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



A crise que se iniciou em agosto de 2007 e teve como estopim a queda do banco de investimento estadunidense Lehman Brothers, em 2008, adquiriu, ao longo do tempo, alcunhas que demonstram, por vezes, a causa ou consequência da crise. “Crise Financeira”, “Crise Imobiliária” demonstram, dependendo da visão de quem a expõe, as finanças como causa ou consequência da crise.

No que diz respeito à essa relação entre capital fictício e setor produtivo, Carcanholo afirma que a crise estrutural atual do capitalismo, no início do século XXI, é explicada pelo domínio da disfuncionalidade da lógica do capital fictício para a acumulação total de capital (Carcanholo, 2011).

Sendo assim, o que se vem apresentar aqui, é que, por fazer parte do próprio sistema de produção capitalista, a crise, segundo diversas interpretações marxistas, possui sua origem no setor produtivo, atribuindo ao processo de financeirização apenas uma consequência ou um agravamento da crise.

Conforme afirma Cipolla, a crise econômica global, que começou no verão de 2007, gerou várias contribuições no campo marxista de análise. Apesar dessa diversidade, as interpretações apresentadas pelo autor partem do consenso de que a crise teve como base a redução, a partir do final dos anos 1970, do ritmo de acumulação de capital. Para combater esse fenômeno, os governos adotaram políticas econômicas de estímulo ao crédito, especialmente o crédito voltado para o consumo privado (Cipolla, 2012).

Apesar da divergência de alguns autores, no que diz respeito à redução da acumulação de capital, se na década de 1970 ou 1980, este é um grande ponto em comum nas diversas interpretações. A crise de 2007-2008 é resultado das políticas de recuperação da economia mundial frente a crises anteriores, como a da década de 1970.

Outros autores, como Basu e Vasudevan, não observam esse declínio da taxa de lucro no período pós-1970. O que ocorreu, no entanto, foi um período de alta

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



lucratividade que incorreu em um aumento da produtividade do trabalho, mas com uma intensidade de capital em declínio (Basu; Vasudevan, 2013)

Analisando a superestrutura sobreposta sobre a base, Carcanholo vê essa ruptura atual, como consequência da desregulamentação financeira, ocorrida justamente para a recuperação da economia da sua última crise estrutural. Também aponta para a (des)regulação das instituições financeiras, processo este que vem ocorrendo de forma acentuada a partir da década de 1960 (Carcanholo, 2011).

Cabe aqui, então, abriremos um parêntese para destacar o processo de acumulação no período denominado “era neoliberal”. Diversas instituições foram criadas e, com isso, políticas econômicas foram ditadas – ao mote de “recomendações” – como forma de regular o processo de acumulação no mundo.

Apesar do sucesso na aplicação dessas medidas (embora não obtendo o mesmo sucesso na mitigação do sistema em convulsão), observa-se que mudanças significativamente negativas ocorreram na condição do trabalhador, onde tampouco se visualizou lograr resultados próximos da chamada “era de ouro” do capitalismo.

Para Carcanholo, as políticas estabelecidas nesse período, e que se deram no contexto de recuperação da economia da última crise estrutural do capitalismo, colocaram a lógica da acumulação e do crescimento em um círculo “virtuoso”.

Em suma, o que o autor afirma é o fim do ciclo o qual a riqueza obtida através da especulação financeira e incentivava a expansão do consumo das famílias e incentivo da produção, causando um incremento do consumo, através da maior expansão da riqueza (Carcanholo, 2011).

Voltando à discussão e, principalmente, no que se refere a importância dada ao domínio das finanças no processo produtivo, Basu e Vasudevan apresentam algumas notas sobre essa questão.

Para os autores, ao adicionar a discussão sobre as finanças no debate constitui um fator importante para o entendimento da crise atual. Porém, essa discussão não deve ser central. É necessário – e isso se apresenta nas interpretações marxistas –

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



entendermos as mudanças estruturais que levaram essa ascensão das finanças no desencadeamento da atual crise (Basu; Vasudevan, 2013).

Os autores entendem a atual crise como um resultado da mecanização do processo produtivo. Tal mecanização resultou em um aumento da produtividade e, conseqüentemente, numa redução da taxa de lucro. Porém, não constitui o único motivo da crise (Basu; Vasudevan, 2013). Portanto, não é só o aumento da produtividade que afeta o lucro. A estagnação da demanda influencia também essa lucratividade. É um ciclo alimentado por diversos fatores.

Em contraponto, Foster atribui ao processo de monopolização eclosão da atual crise. Como o capitalismo monopolista se reproduz com base em uma tendência à estagnação, há uma necessidade contínua de se buscar novas formas de obtenção de lucros (Foster, 2009).

Foster credita a crise à crescente desigualdade da renda e disparidade da riqueza. Uma vez que, com a demanda deteriorada e a produção intensificada, não conseguem atender os anseios de realização do capital. Em outros termos, a produção não encontra demanda. Com isso, o capital busca, cada vez mais, formas mais lucrativas, encontrando no setor financeiro sua saída (Foster, 2009).

Retornando à Basu e Vasudevan, estes afirmam que, mesmo que os teóricos marxistas apresentem divergências quanto às causas da queda da lucratividade, se por um problema de demanda ou da lucratividade *per se*, as evidências demonstram que a atual crise não é precedida por um declínio da lucratividade.

Em outros termos, fatores como a globalização e realocação global da produção, produziram um efeito retardante no decréscimo da lucratividade. Portanto, devido a esses fatores, devemos voltar nossa análise para o aumento da produtividade no período que antecede a crise atual (Basu; Vasudevan, 2013).

Por fim, trazemos então a visão de Shaikh (2011) sobre a crise de 2007-2008. O autor apresenta um questionamento acerca do debate entre a finança como causa ou consequência. Shaikh (2011) atribui a crise atual uma consequência da queda da lucratividade. Essa observação é feita mesmo que, ao longo do período que

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOSJOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASILREIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICAFormação da Consciência de  
Classe na Luta de HegemoniasCEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS

precedesse a crise, a lucratividade apresentasse uma flutuação que fizesse com que se descartasse essa hipótese (Shaikh, 2011).

Porém, é necessário destacar, que a crise se apresentou de diversas formas nos países periféricos e de centro. As economias periféricas, por absorverem mais as políticas neoliberalizantes, acabaram que por absorver mais os impactos da crise (Carcanholo, 2011).

Ainda constitui uma árdua tarefa a de se buscar elementos que reflitam as teorias críticas em base de dados que não são adaptadas para estas interpretações. Uma vez que não existe uma base de dados marxista, todas apresentam os dados em uma configuração própria para interpretação da teoria dominante.

Ao se apresentar as duas interpretações marxistas das crises, busca-se aprofundar o debate, dentro da própria teoria crítica, quanto às causas da crise atual. No entanto, ao trazermos as leituras da crise de 2007-2008, o que se observou foi que, as interpretações se mostram de forma um pouco diferente.

Sendo assim, o que se pode questionar é que o elemento da financeirização acabou por transformar os debates. O que, para alguns autores, como Mateo (2013), constitui um afastamento daquela que seria a única interpretação marxista das crises.

Carcanholo (2011), apresenta também a crise atual como algo que, ao contrário que muitos afirmam, não trouxe para o debate que a incapacidade da configuração neoliberal, que se estabeleceu na economia capitalista, de se manter um processo de acumulação “saudável”.

Por fim, precisamos fazer algumas considerações quanto às interpretações marxistas das crises, apresentadas anteriormente. No que concerne o exame da interpretação marxista pautada na LQTTL, algumas considerações devem ser feitas. Katz, destaca a “incapacidade” de se analisar as crises geradas no período pós-guerra através da queda da taxa de lucro, uma vez que se deve considerar algumas outras variáveis nessa análise (Katz, 2010).

Portanto, é necessário adaptar a teoria da lucratividade aos novos elementos que se apresentaram nesse período. É necessário apontar o papel das empresas

PROMOÇÃO



APOIO



transnacionais e seus determinantes na deterioração do capital. Katz observa também que

Pero el análisis de la crisis partiendo exclusivamente de esta concepción contiene varios elementos controvertidos. Son numerosas las evidencias de recomposición de la tasa de ganancia en las últimas dos décadas. Esta restauración se consumó no sólo mediante el incremento de la tasa de explotación, sino también a través de un abaratamiento inicial de las materias primas y cierta depuración de las empresas. (KATZ, 2010, p. 10)

Em outras palavras, o autor afirma que, apesar das inúmeras evidências que demonstram o decréscimo da taxa de lucro, é necessário frisar, principalmente, os elementos que causaram essa queda, como o aumento da exploração do trabalho e o barateamento do capital constante.

Ao passo que Brenner (2006), apresenta outros elementos que deveriam compor esta interpretação. Elementos como a superprodução, além de uma atenção à demanda global, intensificada pelo movimento da ampliação da competição.

Cipolla (2012), no entanto, atribui uma diferenciação entre a teoria apresentada por Kliman da lei original, apresentada por Marx. Onde ele afirma:

No que tange a teoria de Kliman, é preciso que se diga que sua proposição apresenta uma teoria alternativa à de Marx. A taxa incremental de lucro,  $\Delta m/\Delta C$ , também tem que cair, pois a composição  $c/v$  aumenta com o tempo. De fato, para Marx, a tendência de queda da taxa de lucro deve-se ao aumento da composição orgânica do capital, enquanto, para Kliman, ela se deve ao fato de que a taxa de lucro incremental tende a dominar a taxa de lucro efetiva à medida que a expansão dissipa a energia acumulada com a destruição de capital na crise precedente. (CIPOLLA, 2012, p. 55)

Dessa forma, o problema está na taxa de lucro incremental. Em outras palavras, quando temos uma destruição de capital – que precede um novo período de expansão, preparando a economia para um novo ciclo –, a taxa de lucro efetiva se apresenta em um nível acima da taxa de lucro de longo prazo. A questão é que, a taxa de lucro incremental tem uma tendência positiva e não negativa, como supõe Kliman. (Cipolla, 2012).

Posta a discussão, cabe destacar que se pode entender – a partir das visões apresentadas – que a crise tem origem no setor produtivo e que tem a financeirização como agravante da crise.

PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUIS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA

Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



A crise atual não se origina no século em que tem manifestadas suas mais acentuadas rupturas. Ela parte de um conjunto de medidas na base (infraestrutura) e/ou na superestrutura como forma de mitigar o estado convulsional da engrenagem do sistema.

## 4 CONCLUSÃO

O que podemos trazer a título de conclusão é que, ao passo que a configuração do sistema capitalista se altera, em uma tentativa de sobrevivência e na necessidade de se garantir o processo de acumulação, as interpretações críticas devem incorporar estes elementos em suas análises.

No entanto, não se deve abandonar, no entanto, as teorias pautadas em diversas abstrações. Quando isso ocorre, abando-se também importante contribuição que a dialética exerce para compreensão das dinâmicas do capitalismo contemporâneo.

As notas aqui apresentadas partem de abstrações que são feitas sobre medidas exercidas em pontos de tensão, ora na base ora na superestrutura. Sendo assim, tem-se autores que acreditam que os tensionamentos causados na superestrutura jurídica e política somam fatores suficientes para desencadear o solapamento do sistema nas dimensões apresentadas.

Por sua vez, existem aqueles autores que acreditam que somente choques na base real são capazes de promover tais atividades sísmicas no modo de produção capitalista.

Cabe destacar que, por não constituir um método que possui rigor e não rigidez, o materialismo histórico-dialético permite outras concepções que explicam as causas e, inclusive, soluções para reparar as crises que despontam (e despontarão) no sistema capitalista.

## REFERÊNCIAS

PROMOÇÃO



APOIO



PPGPP  
30 ANOS

JOINPP  
20 ANOS

# XI Jornada Internacional Políticas Públicas

19 a 22  
SET/2023

CIDADE UNIVERSITÁRIA  
DOM DELGADO  
SÃO LUÍS/MA - BRASIL

REIFICAÇÃO CAPITALISTA E EMANCIPAÇÃO  
HUMANA COMO NECESSIDADE HISTÓRICA  
Formação da Consciência de  
Classe na Luta de Hegemonias

CEM ANOS DE HISTÓRIA E CONSCIÊNCIA  
DE CLASSE DE LUKÁCS



BASU, Deepankar. VASUDEVAN, Ramaa. Technology, Distribution and the Rate of Profit in the US Economy: Understanding the Current Crisis. **Cambridge Journal of Economics**, Vol. 37, No 1, pp. 57-89, 2013.

CARCANHOLO, M. D. Conteúdo e forma da crise atual do capitalismo: lógica, contradições e possibilidades. **Crítica e sociedade**: revista de cultura política, v.1, n.3, edição especial, p. 73-84, dez. 2011.

\_\_\_\_\_. **Apontamentos críticos sobre a teoria da crise em Rosa Luxemburgo**. V Colóquio Internacional Marx/Engels, 2007. Disponível em: <[http://www.unicamp.br/cemarx/anais\\_v\\_coloquio\\_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/ses\\_sao1/Marcelo\\_Carcanholo.pdf](http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt1/ses_sao1/Marcelo_Carcanholo.pdf)>. Acesso em: 01/06/2018.

FOSTER, John B. **The great financial crisis: causes and consequences**, Nova York: Monthly Review Press, 2009

GILL, L. **Fundamentos y límites del capitalismo**. Madrid: Trota, 2002.

KATZ, C. **Interpretaciones de la crisis. 2010**. Disponível em: <[http://www.lahaine.org/b2-img10/katz\\_interpr.pdf](http://www.lahaine.org/b2-img10/katz_interpr.pdf)> Acesso em: 01/06/2018.

KLIMAN, Andrew. **The failure of capitalist production**. Underlying causes of the Great Recession, Londres: Pluto Press, 2011.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro II: o processo de circulação do capital. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro III: o processo global da produção capitalista. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

MATEO, J. P. La crisis económica mundial y la acumulación de capital, las finanzas y la distribución del ingreso. Debates en la economía marxista. **Revista de economía crítica**, n. 15, p. 31-60, 1o semestre 2013.

SHAIKH, A. **The first great depression of the 21st century**. Socialist Register, 2011.

PROMOÇÃO



APOIO

